**O Sociofilo em quatro linhas**[[1]](#footnote-1)

**Frédéric Vandenberghe**

 **Escrever sobre a relação entre a teoria e empiria não é evidente para mim. Entendo teoria sociológica no sentido etimológico da palavra como maneira de ver, encarar, enxergar e observar o mundo social – do qual faço parte: dos momentos mais fugitivos de uma interação fortuita à transformação mais lenta de uma civilização global em direção de uma nova era. Entendo empiria por sua vez mais no sentido fenomenológico de experiência vivida do que no sentido positivista de experimentos que estabelecem fatos. Assim, concebo a relação entre teoria e empiria como uma relação de constituição mutua na qual a teoria informa a experiência vivida e esta, por sua vez, transforma a teoria em teoria vivida. O que Georg Simmel (1910: 7-43) dizia da filosofia – que a imagem objetiva do mundo é necessariamente uma expressão da atitude pessoal perante o mesmo - vale também para a teoria sociológica. Ela também é um retrato do mundo, visto por um temperamento.**

**Hermenêutica de importação e exportação**

 **No prefácio à *Estrutura da ação social*, Talcott Parsons (1937) teve a audácia de dizer que o seu campo era teórico e que seu livro era uma “estudo secundário” das teorias dos outros. Meu material empírico também é teórico. Faço reconstruções sistemáticas de autores, genealogias de conceitos e exegeses de obras completas. Meu trabalho é reconstrutivo, interpretativo e hermenêutico. Testando a solidez das arquiteturas conceituais, sistematizo e, quando necessário, crítico e reestruturo a construção. Não me vejo como um destruidor. Meu trabalho é de axiomatização e de reconstrução. Pela crítica positiva e dialógica, busco desvendar os ângulos mortos e fortalecer as teorias.**

 **O meu campo são as bibliotecas. A unidade de análise não é o texto, nem o livro, mas a obra. Como hermeneuta, procuro o todo na parte e a parte no todo. Meus “nativos” são bem-conhecidos: Adorno, Alexander, Archer, Bhaskar, Boltanski, Bourdieu, Beck, Cassirer, Castoriadis, Deleuze, Elias, Freitag, Gadamer, Garfinkel, Habermas, James, Kunneman, Latour, Luhmann, Mannheim, Mauss, Nandy, Negri, Offe, Parsons, Quéré, Ricoeur, Schütz, Simmel, Touraine, Wittgenstein e Zerubavel.**

 **Meus conceitos também são variados, alguns dos quais já figuraram em verbetes de minha autoria: ação, afeto, alienação, antropologia filosófica, biotecnologia, casta, comunicação, conversa interna, convivialismo, cosmopolitismo, critica, cuidado, cultura, dadiva, emergência, estrutura, fetichismo, filosofia social, funcionalismo, globalização, governmentalidade, hermenêutica, humanismo, interação, materialismo histórico, mediação, midiologia, microssociologia, performance, performatividade, poder, póshumanismo, positivismo, racionalização, realismo, reconstrução, reflexividade, relação, simbolismo, subjetividade, simpatia, sistema, situação, sociedade, *Verstehen*, utilitarismo, *Weltanschauung*.**

 **Juntando autores e conceitos, faço teoria e metateoria. Não tenho um sistema; se tiver, não é *a priori*, mas *a posteriori* (ou será *ad hoc*?). Percebo um *habitus* teórico que se repete em minhas pesquisas. Como estrutura gerativa que permanece relativamente invariante nas suas transformações, ele se mostra em suas atualizações. Talvez Dilthey tenha razão: o leitor-interprete enxerga melhor a obra do que o próprio autor (Bollnow, 1949, pp. 1-33).**

 **Trabalho na interseção entre a filosofia, a sociologia e a antropologia. Tendo me especializado em uma espécie de “hermenêutica de importação e exportação”, desenvolvo uma pesquisa que está fundada sobre a filosofia social alemã, dialoga com a teoria social anglo-saxônica e debate com a teoria sociológica francesa. Em minha tese de doutorado, que foi publicada em francês em 2 volumes (Vandenberghe, 1997-98), ofereci uma reconstrução sistemática das teorias da racionalização, da reificação e da alienação na teoria social e na filosofia social alemãs, de Hegel até Habermas. Desde então, desloquei o foco da alienação para ação e da estrutura para cultura. Pretendo desenvolver uma teoria da ação coletiva que seja fenomenologicamente baseada, hermeneuticamente informada e criticamente orientada para a análise, a critica e o diagnostico do presente.**

 **De modo a fincar esta teoria crítica do presente em alicerces sólidos, tenho trabalhado sistematicamente com o realismo crítico (Harré, Bhaskar, Archer), a hermenêutica (Heidegger, Gadamer, Ricoeur), a fenomenologia (Husserl, Scheler e Jaspers) e o pragmatismo (Mead, Dewey e Cooley). Para atualizar a crítica do presente, também investiguei novos desenvolvimentos na tecnologia digital e na bio-tecnologia e escrevi um livro sobre o pós-humanismo e o biocapitalismo (Vandenberghe, 2018). Cansado, porém, da ladainha de denúncias e da hipercrítica que define o gênero da teoria crítica (no sentido amplo, que inclui toda a tradição que vai de Adorno a Zîzek), comecei a desenvolver uma teoria social reconstrutiva que pretende ir além da postura crítica para abrir caminhos que apontam para projetos alternativos que se baseiam numa antropologia positiva e almejam uma política do agir em comum.**

**Meu encontro com o Brasil me levou, entretanto, a questionar as pressuposições eurocêntricas da sociologia e da filosofia, encaminhando-me em direção à antropologia. Durante o meu ano sabático na Índia em 2015, pela primeira vez da vida, fiz pesquisa de campo – e adorei a experiência. Fiz uma etnografia em “escolas integrais”, inspiradas pela filosofia de Sri Aurobindo (2006), nas aldeias tribais de Orissa, um dos estados mais pobres da Índia. Com certeza, essa transição da dedução e da abdução para a indução vai deixar rastros nas minhas teorizações futuras. A passagem pelo subcontinente indiano me tornou ainda mais consciente de que a maior parte das teorias sociológicas formuladas nas metrópoles das sociedades ocidentais não se aplica nem lá nem aqui (com a exceção notável, mas inesperada, da abordagem de Niklas Luhmann (1997, vol. II, pp. 618-634 e 806-812).**

 **Tenho pensado obsessivamente a respeito da problemática das “teorias fora do lugar” e sempre me pergunto como elas podem ser trabalhadas, “torcidas” e reformuladas para servirem como ferramentas de interpretação da vida social na semiperiferia e na periferia. Na minha opinião, o póscolonialismo não tem que ser praticado como uma crítica externa dos discursos filosóficos e sociológicos que vêm de fora, mas como uma tentativa de reterritorialização das teorias e uma recontextualização criativa dos conceitos para dar conta da situação local. Assim como a *haute couture*, a alta teoria tem que trabalhar *sur mesure* (sob medida, e não de maneira padronizada).**

 **Teoria modular: linhas e projetos**

**Em termos mais gerais, o projeto do Sociofilo pretende relacionar sistematicamente a metateoria, a teoria social e a teoria sociológica em uma perspectiva unificada que chamo de “teoria social reconstrutiva”. Ela se inspira do realismo critico de Roy Bhaskar, da teoria crítica de Jürgen Habermas e da teoria anti-utilitarista da ação de Alain Caillé. Ela aponta para uma síntese “Habermaussiana” (sic) na teoria social. Ainda que não pretenda elaborar um sistema filosófico com deduções transcendentais oriundas de uma fundação última (*Letzbegründung*), estou convencido de que as pressuposições transcendentais da sociologia podem ser sistematicamente mapeadas (metateoria) (I), que estas pressuposições metateóricas podem ser trabalhadas em uma teoria geral da sociedade que ofereça um quadro conceitual para a análise da ação, da ordem e da mudança sociais (teoria social) (II), que esta teoria social filosoficamente informada pode servir de base para uma teoria crítica da modernização e da globalização (teoria sociológica) (III), e que esta teoria sociológica das principais dimensões e direções da modernização na era global prepara o terreno para uma pesquisa qualitativa em comunidades locais (etnografia social) (IV), bem como para intervenções práticas, transformativas e concretas, em colaboração com organizações de base comunitária (sociologia aplicada transformativa) (V). O presente formato do projeto é sobretudo teórico, mas não exclui de modo algum a possibilidade de que ele assuma uma direção mais empírica e prática.**

 **De modo a abrir caminho na cascata de relações entre a metateoria (que investiga os pressupostos filosóficos da sociologia), a teoria social (que desenvolve uma teoria da agência, da estrutura e da mudança social) e da teoria sociológica (que analisa a conjuntura global do presente), dividi o projeto principal em quatro linhas de pesquisa inter-relacionadas. As linhas de pesquisa são formuladas de modo abrangente. Como nos *móbiles* de Alexander Calder, essas** esculturas formadas por elementos suspensos por fios que se equilibravam mutuamente, junto projetos de pesquisa a linhas de pesquisa que se movem em velocidades e direções várias para formar uma estrutura modular em movimento continuo.



 Um móbile de Calder

**Primeira Linha: Metateoria - fundamentos filosóficos da teoria crítica**

 Metateoria é filosofia para cientistas sociais que (como eu) não conhecem seu verdadeiro cânone. Situando-se na interseção entre filosofia e sociologia (na verdade no interior da sociologia, mas investigando sua filosofia intrínseca e tornando-a explícita), ela se propõe a descortinar e explorar as fundações filosóficas das ciências sociais. Em consonância com as divisões clássicas da filosofia, sob seu escrutínio se encontram a ontologia, a epistemologia, a metodologia, a ética e a antropologia contidas na sociologia. A ideia subjacente é que essas pressuposições não variam aleatoriamente. Pode-se mapeá-las. Juntas, elas formam um sistema.

 **Em minhas análises dos processos de racionalização, reificação e alienação, reconstruí a tradição alemã da teoria crítica e submeti as sociologias de Marx, Max Weber, Simmel e Lukács (Vol.1), assim como a filosofia social da primeira e segunda gerações da Escola de Frankfurt (Vol.2), a uma metacrítica. Esta metacrítica era em larga medida inspirada no quadro metateórico que Jeffrey Alexander (1982-1983)- que escreveu um posfácio a meu livro-, havia apresentado em seus primeiros trabalhos sobre a lógica teórica na sociologia. A conclusão a que cheguei em minha pesquisa foi a de que uma teoria crítica do presente tem de ser multidimensional e controlar reflexivamente seus próprios pressupostos, de modo a evitar as armadilhas de uma hipercrítica que só pode denunciar a existência da dominação, sem perceber as possibilidades de emancipação.**

 Acredito que essa conclusão permanece válida, mas, na introdução à tradução portuguesa de meu livro sobre a sociologia alemã (Vandenberghe, 2012, pp. 1-37), revisei e refinei minha compreensão da metateoria e de sua relação com as teorias social e sociológica. Através de uma análise dos pressupostos ontológicos, epistemológicos, ideológicos, normativos e antropológicos das ciências sociais, meu propósito é o de entender a lógica teórica que anima a construção da teoria social geral e estabelecer as fundações de uma teoria da ação em comum. Conclui que, no fim das contas, tudo depende da antropologia filosófica e, contra toda a tradição Hobbesiana, defendi uma antropologia positiva que concebe o ser humano como homo *simbolicus reciprocans.* Situando-me na tradição europeia da teoria crítica (segunda e terceira gerações da Escola de Frankfurt, segunda e terceira geração de Socialisme et Barbarie, segunda geração do realismo crítico), explorei linhas de articulação entre o realismo crítico, a hermenêutica e a antropologia da dádiva.

 Finamente, numa última revisão, aprofundei a minha reflexão sobre os pressupostos filosóficos da teoria social com considerações existenciais (Vandenberghe, 2018: 135-158).Subjacente às classes onto-epistemológicas (Bhaskar) e normativas (Habermas), pretendo ter aberto um solo existencial. Ele corresponde mais ou menos a uma antropologia filosófica normativa, embora com a notável diferença de que a visão do *anthropos* envolvida não é mais genérica, e sim pessoal. Meu existencialismo é humanista e personalista, em muito maior sintonia com a filosofia da existênciade Karl Jaspers (1971) e o personalismo de Paul Ricoeur (1991) do que com o desespero heroico de Sartre e Camus. No limite, a realização pessoal coincide com o pleno florescimento humano – a boa vida de cada um como precondição para o completo desenvolvimento de todos em uma sociedade convivialista.

Projeto de pesquisa: O realismo crítico

 **Interdisciplinar e internacional, o realismo crítico é um movimento na filosofia e nas ciências humanas que, inspirado nos trabalhos de Roy Bhaskar, tenta introduzir, há mais de trinta anos, sólidas e bem fundamentadas reflexões ontológicas na filosofia das ciências naturais e das ciências humanas (Vandenberghe, 2010). Contra os positivistas, os idealistas e os pós-modernistas, o realismo crítico defende uma ontologia robusta e não empirista, irredutível à epistemologia. Sustenta que o mundo não é feito apenas de acontecimentos e fatos; em última instância, ele compreende mecanismos, sistemas, estruturas transfactuais (e talvez até inobserváveis), dotados de poder causal, capazes de explicar os acontecimentos observáveis e os fatos observados. Em *A Realist Theory of Science*, Roy Bhaskar (1975) desenvolveu uma posição filosófica que demonstrou convincentemente que o positivismo não se aplica sequer às ciências da natureza. Seria, portanto, ainda mais difícil defender sua validade para as ciências sociais.**

 **Antes da sua morte, dei vários mini-cursos sobre o realismo critico com o próprio Roy Bhaskar (inclusive um em Niterói em 2009). Juntamente com os colegas americanos (Phil Gorski, Georg Steinmetz, Doug Porpora) do do Critical Realism Network (**[www.criticalrealismnetwork.org](http://www.criticalrealismnetwork.org)**) estamos construindo um movimento acadêmico realista nos Estados Unidos. Comparado com o realismo critico britânico, o realismo americano é bem mais pluralista. À parte um antipositivismo radical e um engajamento axiológico compartilhados, não tem ortodoxia nem linha do partido. Neste âmbito, eu tento desenvolver a teoria social reconstrutiva com uma teoria geral da sociedade que sintetiza a filosofia realista das ciências do primeiro Bhaskar com a filosofia da metarealidade da última fase.**

**Projeto de pesquisa: O realismo metacrítico**

 Tendo realizado uma análise metateórica e uma metacrítica da teoria crítica nos anos 1990 e, com isso, tendo chegado à conclusão de que uma teoria crítica do presente tem de ser multidimensional e deve controlar reflexivamente seus próprios pressupostos, de forma a perceber as possibilidades de emancipação para além da crítica da dominação e da reificação, estabeleci que a posição metateórica da qual a teoria social deve partir tem que privilegiar a posição metateórica do antipositivismo, do culturalismo e do antiutilitarismo, estabelecendo um diálogo metateórico que articule a teoria crítica e o realismo crítico, a hermenêutica, a fenomenologia e o pragmatismo, o antiutilitarismo e o humanismo. Tendo em vista chegar a uma posição metacrítica que consista numa crítica “habermaussiana” das pressuposições filosóficas da teoria crítica do estilo de Frankfurt — que, no sentido amplo, inclui de Marx a Negri, de Weber a Foucault, de Lukács a Zizek, de Adorno a Bourdieu, de Horkheimer a Honneth, de Foucault a Mbembe e de Deleuze à Lazzarato —, busco, portanto, achar pistas e inspiração, para além do negativismo hipercrítico, numa teoria transformada da prática transformativa, desenvolvendo assim o projeto do realismo metacrítico (Vandenberghe, 2014a, pp. 1-99).

 O realismo metacrítico propõe uma visão alternativa que integra as capacidades reflexivas dos atores numa teoria comunicativa da mudança societal (social, cultural e pessoal). A hipótese do projeto é que as práticas comunicativas que constituem o mundo são animadas pela lógica da reciprocidade - dar, receber e retribuir, segundo Mauss, ou pedir, dar, receber e retribuir na versão ampliada de Caillé (2019) - o que será testado num diálogo contínuo com a teoria social clássica (Marx, Weber, Durkheim, mas também Mauss, Simmel e Mead) e neoclássica (Bourdieu, Habermas, Giddens, mas também Bhaskar, Honneth e Caillé), sendo desenvolvida numa exploração sistemática na interface da sociologia com a filosofia. A partir de uma síntese da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas, o antiutilitarismo do MAUSS e o realismo crítico de Roy Bhaskar, a teoria social reconstrutiva propõe uma análise metateórica dos pressupostos filosóficos de uma teoria social geral, generosa e regenerativa, fundada numa antropologia positiva humanista que concebe o homem como um ser social que não só usa símbolos para representar o mundo, mas também para constituí-lo com e para os outros como um mundo comum.

A perspectiva hermenêutica que respalda tal teoria da cultura está ciente dos riscos conservadores presentes na ênfase na tradição e na reprodução cultural, e idealistas, presentes na ênfase na cultura, nos valores e nos símbolos. Contudo, a cultura não somente faz mundos, em virtude do fato de que ela transpõe o ator num mundo diferente do existente — ela também os quebra e torna os atores conscientes de alternativas. Da mesma forma que não se deveria assumir, a priori, que a cultura sempre funciona como uma forma de violência simbólica, não se deveria igualmente afirmar, com demasiada pressa, que ela é sempre reprodutiva. Para evitar a reprodução e reivindicar a hermenêutica, tendo em vista uma teoria humanista da mudança cultural, social e pessoal, eu a “enxertarei” no pragmatismo e no interacionismo simbólico. Mas o mesmo vai ser feito pela via de Habermas, pois, sendo uma mediação entre atores, a linguagem é estruturada de tal forma que o sistema de pronomes pessoais permite aos atores transpor-se na posição do outro. A troca de perspectivas mediada simbolicamente força os atores a se “descentrarem” e olharem o mesmo mundo de uma diferente perspectiva.

Projeto de pesquisa: **Hermenêutica das Profundezas**

 **Com a intenção de dar uma virada hermenêutico-cultural na teoria crítica e de reconectá-la a uma análise civilizacional da globalização, proponho a passagem do multi para o pluriversalismo. Tradicionalmente, a teoria crítica tem sido concebida como um programa de pesquisa pós-metafísico interdisciplinar que permanece fiel às promessas do Iluminismo/Esclarecimento. Dando conscientemente continuidade a uma tradição que conecta Kant, Hegel, Marx e Freud, a teoria crítica articulou a reflexão filosófica sobre as condições de possibilidade do conhecimento com uma teoria emancipatória da sociedade que analisa as principais fontes de dominação e alienação. A despeito de suas boas intenções, a teoria crítica permanece, entretanto, eurocêntrica em larga medida.**

 **Enquanto a economia política é usualmente tomada como modelo de uma teoria da alienação, na esteira de autores (como Hans Herbert Kögler, Fred Dallmayr, Nikolas Kompridis, David Rasmussen, Dipesh Chakrabarty e Fuyuki Kurasawa,), gostaria de explorar a ideia de uma hermenêutica crítica que seria capaz de objetivar as camadas culturais mais profundas das civilizações através de uma análise antropológica comparativa da Europa, do Brasil e da Índia. Esta hermenêutica profunda (*Tiefenhermeneutik*) que desloca o foco da alienação (*Entfremdung*) da sociedade para o estranhamento (*Verfremdung*) da cultura não teria apenas de operar uma delicada síntese teórica de tradições que são normalmente vistas como discordantes, nomeadamente, a hermenêutica (especialmente Gadamer e Ricoeur) e o pós-estruturalismo (especialmente Lévi-Strauss, Foucault e Bourdieu) – a primeira analisando formações simbólicas da perspectiva do participante e a segunda objetivando as estruturas culturais da perspectiva do observador -, mas também, ao fazê-lo, buscaria superar a oposição entre a antropologia filosófica e a antropologia cultural – a primeira procurando por universais a partir de uma perspectiva humanista, enquanto a última (pelo menos, nas versões atualmente hegemônicas) relativiza os universais e nega a existência de uma essência transcultural. O resultado deste delicado exercício de “hermenêutica estruturalista” em uma terra estrangeira deveria ser uma hermenêutica humanista na terceira pessoa do plural, a qual busca revelar não apenas aquilo que todas as culturas têm em comum, mas também indicar a incomensurabilidade relativa de suas *Weltanschauungen*.**

**Segunda linha: Teoria social - as novas correntes da sociologia mundial**

 **O problema com a teoria social contemporânea é duplo: de um lado, ela está muito mal definida; de outro, o entendimento da história contemporânea tem ficado atrelado às problemáticas dos anos 80-90. Penso, mais particularmente, na versão ortodoxa da história da disciplina, contada por Anthony Giddens (2018) (agência e estrutura) e Jeffrey Alexander (1987) (o ‘novo movimento teórico’). O problema com esta maneira de contar a história que estrutura a maior parte dos cursos de teoria sociológica neste país e alhures não é só que ela é conservadora e repetitiva, mas que ela está completamente defasada e não permite entender o que está acontecendo na teoria social. Não adianta contar a história da sociologia pós-parsoniana, micro-macro e as novas sínteses se, depois da sociologia neoclássica, não se sabe mais onde colocar Boltanski, Honneth, Butler e o pós-colonialismo, para citar alguns exemplos tirados de programas de cursos.**

 **A linha de pesquisa sobre as novas correntes pretende levar a cabo uma reconstrução sistemática da teoria social contemporânea. A partir de uma reflexão metateórica acerca dos seus fundamentos filosóficos, ele pretende mapear as principais constelações transnacionais na sociologia mundial e apresentar as tendências mais recentes nas grandes tradições da sociologia francesa, alemã, inglesa e estadunidense. No decorrer dos anos, explorei várias maneiras para entender a lógica da teoria sociológica e utilizei várias narrativas para mapear a teoria. Na ciência como na navegação, a cartografia é essencial para poder traçar os rumos.**

**1) A era dos epígonos**

 **A ideia-guia é a de que a teoria social entrou na era dos epígonos (Vandenberghe, 2010, pp. 85-109). Na França, os desenvolvimentos mais importantes são pós ou anti-Bourdieusianos. A maior parte dos protagonistas (Passeron, Castel, Debray, Boltanski, Thévenot, Latour, Dubet, Heinich, Lahire), alguns deles ex-colaboradores de Bourdieu, desenvolveu seu trabalho em uma posição de confronto explícito com sua vertente de sociologia crítica.** Se a França é pós-bourdieusiana, o Reino Unido é pós-giddensiano (Bhaskar, Archer, Rose, Delanty, Thrift, Crossley). O debate ali é mais centrado na epistemologia (realismo vs. nominalismo) e na discussão sobre a modernidade tardia ou, talvez melhor, já que o tempo não para, a pós-modernidade tardia. A Alemanha é pós-Habermasiana (Honneth, Joas, Beck, Forst, Rosa) ou pós-Luhmanniana (Stihweh, Willke, Kieserling, Kneer, Nassehi). Lá, a questão é como articular (ou desarticular) fundamentos filosóficos, teoria sociológica e diagnóstico do tempo numa teoria crítica da sociedade e, de maneira auto-reflexiva, de seus teóricos. Nos Estados Unidos, os teóricos da cultura (Alexander, Lamont, Swidler) e das práticas (Collins, Rawls, Glaeser) ainda estão tentando lidar com o legado de Parsons, Garfinkel e Goffman.

**2) Humanismo/anti-humanismo/pós-humanismo**

 **Reorganizando o mesmo material a partir de um corte transversal, podemos distinguir várias nebulosas transnacionais e ordená-las num contínuo que vai do humanismo, via pós-estruturalismo, ao pós-humanismo: a fração da ação (Archer, Joas, Caillé, etc.), o situacionismo radical (A. Rawls, Thévenot, R. Collins, etc.), a teoria critica (Honneth, Boltanski, Benhabib, etc.), o marxismo estrutural (Wallerstein, Harvey, Postone), a sociologia cultural (Alexander, Lamont, Swidler), o marxismo cultural (S. Hall, Laclau, Jameson, Zizek), os estudos subalternos (Guha, Spivak, Chatterjee), o póscolonialismo (Fanon, Said, Bhabha, Mbembe), a vertente descolonial (Dussel, Quijano, Mignolo), o deleuzo-foucauldismo (Agamben, Rose, Negri, Lazzarato) e o pós-humanismo (Latour, da Landa, Luhmann).**

**3) Bourdieu, o *hegemon***

 **Em *Além do habitus: Teoria social pós-bourdieusiana* (Vandenberghe eVéran, 2015), trabalhei com a hipótese que Bourdieu é o *hegemon*. O que Parsons representava nos anos 40-50, ele representa hoje para nós. Numa tentativa de rever a narração herdada de Alexander, substituo Parsons por Bourdieu e mostro que “Pensar com Bourdieu contra Bourdieu” (Passeron, 2003, p. 89) virou, de fato, a fórmula do progresso da teoria. Isto vale não só para o desenvolvimento da sociologia francesa, mas também para a sociologia mundial (Archer, Honneth, Butler, Alexander, Cicourel, Lamont, Brubaker, Calhoun, Steinmetz, Emirbayer, D. Miller). Poderemos mostrar que todos, sem exceção, trabalharam diretamente com ele (Boltanski, Archer, Honneth), escreveram sobre ele (Calhoun, Brubaker, Butler) ou contra ele (Latour, Caillé, Alexander) ou se inspiram nele para construir a sua própria teoria (Lahire, Steinmetz, Emirbayer).**

**Projeto de pesquisa: A sociologia relacional**

 A sociologia relacional propõe um novo paradigma que pretende analisar a sociedade além da lógica substantiva e categórica de origem aristotélica. Ela estipula que no início está a relação e na relação está o início. Tendo trabalhado e publicado bastante sobre o relacionismo nas obras de Georg Simmel, Ernst Cassirer e Pierre Bourdieu, tive a sorte de ser convidado por Francois Dépelteau, o saudoso coordenador da *Relational Sociology Network*, para participar do *Handbook of Relational Sociology* (Dépelteau, 2018). Comecei a estudar a produção da sociologia relacional e descobri, com empolgação, que o novo paradigma me permitiria sistematizar e integrar vários dos meus interesses num só quadro analítico. A partir de uma reflexão metateórica que incorpora o realismo crítico (Bhaskar, Archer e Bourdieu), a hermenêutica intercultural (Gadamer, Alexander) e a antropologia da intersubjetividade (Simmel, Mauss Habermas), cheguei à conclusão de que toda teoria social deve incorporar um conceito de estrutura social, cultura e prática em um único sistema. Operando num nível de abstração menor, a sociologia relacional pode ser explorada como síntese de uma teoria estruturalista dos campos e uma teoria pragmatista da relação inter-humana, integradas num quadro multidimensional por uma teoria hermenêutica que concilia a cultura com as práticas simbólicas. Para ser plenamente compatível com a proposta relacional, esta teoria tem de ser estrutural, figuracional, processual e simbólica.

**Terceira linha: Teoria Sociológica – em direção de uma ontologia do presente**

 **“Globalização” é um termo “guarda-chuva”. Ainda que se refira predominantemente a uma “mudança de escala” global que é, sem dúvida, impulsionada pelas reestruturações no reino da economia, é importante não reduzir a globalização à sua dimensão econômica e adotar, ao invés disso, uma abordagem interdisciplinar que seja capaz de levar em consideração não apenas a dimensão econômica, mas também as dimensões social, cultural, política, tecnológica, ecológica e legal da acelerada “compressão espaço-temporal” que estamos presenciando hoje (Vandenberghe, 2014b). Como um slogan do nosso tempo, a palavra não se refere apenas às transformações econômicas ao redor do globo, mas à conjunção e integração das revoluções econômica, digital e biotecnológica em uma única revolução, a qual está impulsionando uma verdadeira mudança civilizacional. Juntas, estas três revoluções simultâneas estão transformando radicalmente os parâmetros da existência humana e, se não controladas, podem colocar até mesmo a sobrevivência da humanidade em risco.**

**Ocupada com as tendências correntes desses desenvolvimentos, esta parte do projeto de pesquisa possui uma dimensão teórica, uma dimensão metodológica e uma dimensão prática. Teoricamente, ele busca refletir criticamente a respeito das atuais transformações das “tecnociências” e analisar como as novas tecnologias (nano-bio-ciber) estão estabelecendo uma nova sinergia com o capitalismo global, transformando não apenas as economias e tecnologias no processo, mas também os seres humanos a quem estas deveriam servir. Numa tentativa de atualizar as antigas teorias da reificação, alienação e racionalização do mundo da vida, explorei os desafios antropológicos do biocapitalismo (Vandenberghe, 2018).**

**A nossa hipótese é a que estamos no limiar de uma nova civilização. A modernidade tardia acabou. Desde 2008, se não antes, o mundo entrou numa crise civilizacional e, quem sabe, até mesmo existencial. Como disciplina do século XX, a sociologia não está bem preparada para pensar a ontologia do presente. Às vezes, temos a impressão de que as nossas teorias e os nossos conceitos eram válidos apenas até 2008 e que estamos avançando no escuro. Está na hora de questionar o legado da sociologia e de desenvolver uma sociologia geral do presente – o que chamei num livro, escrito com Alain Caillé, de “sociologia neoclássica” (Caillé e Vandenberghe, 2020)– a partir de uma nova síntese das ciências sociais, dos Estudos e da filosofia política e moral.**

Projeto de pesquisa: O Fato Social Total Global.

 Na esteira de Marcel Mauss e seu conceito do “fato social total” que coloca em movimento a “totalidade da sociedade e das suas instituições” gostaria de acrescentar uma palavra sobre essa categoria-mestra do sobrinho de Durkheim: *global.* A ideia por trás do conceito é simples. A globalização não é apenas um fato, é também uma perspectiva e um método. Qualquer coisa (objeto, sujeito, parte do corpo, tecnologia, ferramenta, mercadoria, dádiva, etc.) é uma condensação de uma teia complexa de relações e conexões entre humanos, coisas e palavras que se espalham pelo mundo como um rizoma. Tome-se o exemplo do texto que estou escrevendo: estou sentado no Rio enquanto escrevo e vocês leem meu texto em algum lugar do Brasil. O texto contém várias referências a colegas ao redor do mundo e o papel reciclado que vocês têm em mãos é feito de madeira que pode vir da Amazônia ou da China. O texto que leem está reformatado a partir de um projeto de pesquisa. Apenas seguindo as conexões, de onde quer que elas venham e onde quer que levem, podemos analisar qualquer objeto concreto como um fato social total global que implica todas as dimensões e instituições da vida social – da esfera material à semiótica ou econômica.

Na esteira do realismo crítico, concebo a sociedade como um sistema em 4D composto de estruturas sociais (marxismo), culturas (hermenêutica), redes (teoria do ator-rede) e práticas situadas (pragmatismo) que as sustentam e movimentam. No entrecruzamento da economia politica (Marx), da antropologia econômica (Mauss) e da sociologia econômica (Polanyi), mas também de estudos fenomenológicos dos objetos comuns (*ta pragmata*, no sentido mais literal), estudos semióticos da cultura material e investigações empíricas das praticas de consumo, temos que seguir os objetos, os sujeitos e as narrativas nos seus devires como estruturas e praticas, processos e símbolos, relações e rituais. Par segui-los a travesso do mundo, utilizaremos os insights metodológicos dos *science studies*, da analise de redes e das etnografias globais e multi-situadas. No final, tal qual um mago que pula o coelho do chapéu, nós mostraremos como é possível desenrolar o mundo inteiro a partir de um único objeto como um boné da Nike (Pinheiro-Machado, 2011), por exemplo.

Projeto de pesquisa: Ontologia do presente

Tempos sombrios ... Precisamos desesperadamente de pistas para nós orientarmos intelectualmente, ideologicamente e politicamente. 1989 (queda do muro de Berlim) 2001 (o ataque terrorista em NY), 2008 (a crise econômica dos ‘subprimes’), 2016 (a eleição do Trump, o Brexit e, para nós, a eleição do “inomável” em 2018) e 2020 (a pandemia do Covid-19) são os marcadores de uma nova época. Para estimular a imaginação, a chamaremos de “segunda pós-modernidade”. Ela constrói-se sobre as ruínas da primeira e, trocando de sinal, radicaliza a critica e desfaz o “sistema” em tempo real.

Neste projeto de pesquisa, exploraremos livremente os contornos da ontologia do presente. Abriremos sua interpretação com três palavras chave: neo-liberalismo, antropoceno e populismo. Ainda que nenhuma dessas noções sejam conceitos analíticos, elas nos servirão como guias para nós orientarmos em vastas literaturas que apresentam um diagnostico critico do tempo presente. Nossa hipótese de trabalho é que as vicissitudes do (pós)capitalismo, do (pós)industrialismo e da (pós)democracia liberal são sistemicamente interconectadas. Teremos que descobrir entretanto como eles o são. Mais uma vez, o desafio é, como já dizia Hegel, de “capturar o nosso tempo em conceitos” e, se é que é possível, de unificar as perspectivas numa teoria sociológica do tempo presente.

**Quarta linha: A sociologia como filosofia prática**

**Durante muitos anos, trabalhei em um instituto universitário de Estudos Humanistas na Holanda (www.uvh.nl). Ainda mantenho vínculos com esta pequena e experimental instituição, na condição de pesquisador sênior (sem salário), e considero-me um teórico e praticante da humanística. A humanística é uma disciplina normativa, empírica e aplicada. Ela consiste no estudo acadêmico de questões de sentido - isto é, de questões existenciais e interculturais relativas ao significado da vida -, e pretende contribuir com processos de humanização da sociedade, ou seja, com processos sociais que busquem aplacar o sofrimento e criar as condições para a realização humana. Tradições humanistas são, para ela, uma importante fonte de inspiração, assim como o são também os *insights* da filosofia e da ética, das ciências sociais e culturais, dos estudos religiosos e da teoria da ciência.**

**A sociologia do espírito (no sentido de *Geist*, não de *Mind*) propõe-se, enquanto teoria e prática humanística, uma reflexão normativa sobre as bases “espirituais” da civilização. Através de uma investigação sistemática de alguns autores clássicos na tradição das *Geisteswissenschaften*, ela oferece uma análise sociológica de tópicos que estão, de certa forma, relacionados com a religião (como Deus, o espírito, a alma, a conversão), mas busca reformulá-los em linguagem estritamente secular. Enquanto parte desta linha de pesquisa, temos uma reconstrução sistemática e um diálogo com o positivismo de Auguste Comte, com a sociologia da religião de Georg Simmel, com a fenomenologia dos valores materiais de Max Scheler, com a antropologia da dádiva de Marcel Mauss, com a teoria antiutilitarista da ação de Alain Caillé e, enfim, com as reflexões sobre a “metarrealidade” de Roy Bhaskar e a filosofia integral de Ken Wilber.**

**Projeto de pesquisa : As conversas internas**

**Em 2009, Margaret Archer convidou a mim e a alguns colegas internacionalmente conhecidos para participar de um workshop sobre “Reflexividade e Conversações Internas”. Em harmonia com o filão ontológico do realismo crítico, gostaria de modificar o verbo (Vandenberghe, 2014, pp. 100-153). Não apenas temos conversações internas, mas *somos* essas conversações, que se desenvolvem pelo meio da linguagem. Para burilar essa idéia, tenho lido extensamente a respeito da tradição hermenêutica, especialmente o trabalho de Gadamer. Através da hermenêutica, também gostaria de corrigir a interpretação que Archer oferece do pragmatismo americano, e especialmente de Georg Herbert Mead, reconectando as conversações internas que as pessoas têm consigo mesmas em foro interno com as conversações externas que as pessoas mantêm entre si na esfera pública. A dialética dupla ou, como diria Archer, a morfogênese dupla entre o discurso privado e a comunicação pública oferece um excelente ponto de partida para a reflexão acerca das implicações de uma reflexividade acentuada para movimentos sociais e, portanto, para a reprodução e transformação da sociedade. Reconectando as conversas internas de “indivíduos metareflexivos” à filosofia moral, pretendo que pensemos sociologicamente a respeito das condições da reflexão existencial e pessoal sobre valores e normas que estão na linha de frente dos atuais movimentos sociais, políticos e religiosos em todo o globo.**

Projeto de pesquisa: A sociedade morfogênica

Ao invés de fazer a análise dos sistemas econômico, tecnológico e político da segunda pós-modernidade, que sempre corre o risco de cair no pathos da vitimização da Escola de Frankfurt (hipercrítica, moralismo e nostalgia), ou nas armadilhas de lucidez da teoria dos sistemas de Luhmann (hiperteoria, niilismo e ironia), eu revertei, portanto, a perspectiva. Na perspectiva de uma teoria social reconstrutiva, começo por baixo para explorar uma sequência morfogênica de transformação pessoal, cultural e social que abre perspectivas sobre um mundo convivial. Começamos com uma análise da crise motivacional e investigaremos na perspectiva das conversas internas, elaborada por Margaret Archer, mas dando uma ênfase maior na crise existencial. Numa crise existencial, a narração da vida paralisa. Para sair da crise, a pessoa tem que se reconstruir. Perguntando o que ela quer fazer da sua vida, ela se recentra (ou não), reconstrói a autonarrativa (ou não) e emerge com uma consciência meta-reflexiva (comunicativa, autônoma e axiológica) sobre o que importa realmente e sobre a rumo a dar à própria vida. Assumindo que a pessoa consegue se reconstruir e voltar a funcionar, podemos relacionar as questões existenciais à questão social e focalizar na esfera profissional. A hipótese é que, quando as questões existenciais da vida se prolongam na vida, a transformação pessoal entra em sinergia com a transformação social; e que as profissões são o ponto de junção entre o mundo da vida e o sistema e, assim, a normatividade profissional é o motor que pode conduzir à transformação do sistema de dentro. Analisemos com mais detalhe a sociologia das profissões de Talcott Parsons e, em colaboração com Harry Kunneman da Universidade para os Estudos Humanistas, exploramos o papel das normas, valores e princípios normativos nas instituições. Finalmente, numa investigação das novas tecnologias do *peer-to-peer* exploramos com Michel Bauwens da P2P Foundation, como que projetos locais baseados nos princípios de reciprocidade, comunicação e cooperação, podem contribuir para a emergência de um mundo convivial na escala mundial.

Projeto de pesquisa: O convivialismo

**“Como podemos viver juntos sem se massacrar? ” (M. Mauss) - essa é a questão na qual eu e quarenta intelectuais franceses** (Alain Caillé, Edgar Morin, Jean-Pierre Dupuy, Yann Moulier-Boutang, entre outros) **trabalhamos durante um ano. Como resposta, propusemos uma base doutrinal sintética que procura não somente integrar o melhor das religiões universais e do Esclarecimento, mas também superar, ainda que de modo um pouco retórico, o liberalismo, o socialismo, o comunismo e o anarquismo. Chamamos essa nova doutrina de “Convivialismo”, e afirmamos que ela é a filosofia política implícita comum de tantas iniciativas (*Occupy*, *P2P*, *Commons*, *Transition* *Towns* etc.) que já estão pensando ou construindo esse outro mundo. A ideia central da reflexão comum é bem simples: um outro mundo não somente é possível, mas também necessário e urgente. A situação é crítica. A humanidade se vê confrontada com riscos que colocam a sobrevivência da espécie em cheque. Em vez de uma paráfrase, ofereço alguns trechos da tradução portuguesa do *Manifesto convivialista* (Caillé, Vandenberghe e Véran, 2016).**

A única ordem social legítima universalizável é aquela que se inspira em um princípio de comum humanidade, de comum socialidade, de individuação e de oposição ordenada e criadora.

Princípio de comum humanidade: acima das diferenças de cor de pele, de nacionalidade, de língua, de cultura, de religião ou de riqueza, de sexo ou de orientação sexual, há somente uma humanidade, que deve ser respeitada na pessoa de cada um de seus membros.

Princípio de comum socialidade: os seres humanos são seres sociais para quem a maior riqueza existente é a riqueza de suas relações sociais.

Princípio de individuação: em conformidade com os dois primeiros princípios, a política legítima é aquela que permite a cada um afirmar da melhor maneira sua individualidade singular em devir, desenvolvendo sua potência de ser e de agir sem prejudicar a dos outros.

Princípio de oposição ordenada e criadora: porque todos têm vocação para manifestar sua individualidade singular, é natural que os humanos possam se opor. Mas só é legítimo fazê-lo enquanto isso não coloca em risco o plano da comum socialidade que torna essa rivalidade fecunda e não destrutiva.

Desses princípios gerais decorrem:

Considerações morais

O que é permitido a cada indivíduo esperar é o reconhecimento de sua igual dignidade para com todos os outros seres humanos, é ter acesso a condições materiais suficientes para levar a cabo sua concepção de vida boa, respeitando as concepções dos outros

O que lhe é proibido é cair em desmedida (a *hubris* dos Gregos), *i.e.* violar o princípio de comum humanidade e por em perigo a comum socialidade

Concretamente, é dever de cada um lutar contra a corrupção.

Considerações politicas

Na perspectiva convivialista, um Estado, ou um governo, ou uma instituição política nova só podem ser tidos como legítimos se:

- Respeitam os quatro princípios de comum humanidade, de comum socialidade, de individuação e de oposição ordenada, e se facilitam a realização das considerações morais, ecológicas e econômicas que deles decorrem; Mais especificamente, Estados legítimos garantem a todos seus cidadãos mais pobres um mínimo de recursos, uma renda básica, seja lá qual for sua forma, que os protege da abjeção da miséria, bem como impedem progressivamente aos mais ricos, *via* instauração de uma renda máxima, de cair na abjeção da extrema riqueza, ultrapassando um nível que tornaria inoperantes os princípios de comum humanidade e de comum socialidade.

Considerações ecológicas

O Homem não pode mais se considerar como dono e senhor da Natureza. Tendo em conta que longe de se opor a ela, ele faz parte dela, ele deve estabelecer com a Natureza, ao menos metaforicamente, uma relação de dom/contra-dom. Para legar às gerações futuras um patrimônio natural preservado, ele deve assim devolver à Natureza tanto ou mais do que dela toma ou recebe.

Considerações econômicas

Não há correlação comprovada entre riqueza monetária ou material, de um lado, e felicidade ou bem-estar, de outro. O estado ecológico do planeta torna necessário buscar todas as formas possíveis de prosperidade sem crescimento. É necessário para isso, em uma perspectiva de economia plural, instaurar um equilíbrio entre Mercado, economia pública e economia de tipo associativo (social e solidária), dependendo se os bens ou os serviços a serem produzidos são individuais, coletivos ou comuns.

**Uma teoria das teorias sociais**

 Embora eu pessoalmente não tenha uma *grand theory*, sei como reconhecer uma quando a encontro (por exemplo, em Parsons, Habermas ou Freitag). Define-se pela integração sistemática de uma metateoria, uma teoria social e uma teoria sociológica em um único quadro conceitual de análise e de síntese. A análise dos pressupostos filosóficos (ontológicos, normativos e existenciais) da sociologia constitui um preâmbulo e um propedêutico necessário para a construção de uma teoria social geral e um diagnóstico do presente (*Zeitdiagnose*). A projeto do Sociofilo que apresentei aqui em 4 linhas visa elaborar as perspectivas de um realismo metacrítico (além do realismo crítico), uma teoria social reconstrutiva (alternativa aos hipercríticos da dominação, exploração e alienação) e uma teoria da segunda pós-modernidade (ou seja, uma ontologia do presente).

Todas essas linhas e todos esses projetos de pesquisa deveriam desaguar um dia num livro, escrito em inglês, chamado *A Theory of Social Theories*. Já fiz um projeto de livro e o reproduzo aqui. Esse não é um livro didático, mas uma reconstrução com intento sistemático da teoria social contemporânea. Os objetivos são teorizar sobre teorias; desenhar um quadro para a análise e desenvolvimento de “grandes teorias”; mapear constelações existentes nas tradições principais da teoria social (filosofia social alemã, teoria social anglófona e teoria sociológica francesa); reconectar a sociologia a suas predecessoras (antropologia filosófica, fenomenologia, hermenêutica, pragmatismo, teoria crítica) e as suas disciplinas vizinhas (história, antropologia, ciência política, economia) numa teoria pós-hegeliana neo-kantiana do Espírito Objetivo; desenvolver uma sociologia filosófica que é anti-positivista (realista), anti-utilitarista (simbólica) e axiologicamente engajada (normativa); interarticular os movimentos filosóficos do realismo crítico (Bhaskar), teoria crítica (Habermas) e o MAUSS numa teoria social humanista reconstrutivista; reescrever a história recente da teoria sociológica contemporânea enquanto um engajamento mundial com o legado de Pierre Bourdieu (em vez de Talcott Parsons); discutir as sociologias paradigmáticas (sociologia cultural, sociologia moral, sociologia relacional, sociologia analítica) e outras tentativas recentes de formação de escola (sociologia pragmática, análise de rede, realismo crítico); investigar a emergência o impacto dos Estudos (Estudos da Ciência, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Subalternos, Pós- e Descoloniais) e suas relações com as viradas, reviravoltas e retornos anti-paradigmáticos na filosofia, antropologia e nas humanidades (da virada linguística passando pelo giro pós-moderno e desvio global até a virada ontológica) com a intenção de “desestabilizar” a sociologia; “reprovincializar” a Teoria do Hemisfério Norte através do confronto com as realidades do Brasil e da Índia; e, por último, mas não menos importante, argumentar a favor de uma nova síntese da teoria social, os Estudos e a filosofia moral e política.

 O livro será composto de uma introdução, 6 capítulos e uma conclusão.

 No primeiro capítulo, formularei um quadro para a meta-análise das teorias sociais. Embora eu não tenha uma Grande Teoria própria, sei como reconhecer uma. Desenvolverei os conceitos de metateoria, teoria social e teoria sociológica e argumentar que uma Grande Teoria deve integra-los num quadro unitário. Insistirei na necessidade de uma análise dos pressupostos filosóficos (ontológicos, normativos e existenciais) da sociologia como preâmbulo necessário e propedêutico para a construção da teoria social como diagnóstico do presente (*Zeitdiagnose*). Tentarei rascunhar os contornos do realismo metacrítico (como desenvolvimento idealista dentro do realismo crítico), da teoria social reconstrutiva (como uma alternativa às hipercríticas da dominação exploração e alienação) e da teoria da segunda pós-modernidade (como ontologia do presente). Para desenvolver uma sociologia filosófica, recontextualizarei a fundação da sociologia enquanto disciplina autônoma durante a Belle Époque e tentarei re-abrir o diálogo entre abordagens integrais da mesma época.

No segundo capítulo, voltarei meu olhar para a antropologia filosófica, a fenomenologia, a hermenêutica e a teoria crítica, argumentando que dentre todas essas abordagens conflitantes, a sociologia é a única que se convenceu efetivamente que é uma ciência. Minha tese principal será que a sociologia continua nas tradições honoráveis da filosofia prática, moral e política pelos seus próprios meios e que ela precisa se reconectar ao seu passado para ter um futuro como parte integrante e parcela das ciências humanas.

No terceiro capítulo, proporei uma atualização para a história da teoria sociológica contemporânea escrita por Alexander. No lugar de Parsons, colocarei Bourdieu como autor hegemônico e demonstrarei que a melhor parte da teoria sociológica contemporânea mundial pode ser reorganizada, sistematizada e entendida em termos de um contínuo diálogo intercontinental com ou contra sua teoria do mundo social. Através de uma reconstrução dos mais novos movimentos teóricos na sociologia, também defenderei a ideia de uma pós, mas não anti-Bourdiesiana teoria social. Não há mais uma Grande Teoria. Temos, em vez disso, sociologias paradigmáticas e, fora delas, “Os Estudos”.

No quarto capítulo, analisarei e escrutinizarei uma pletora de abordagens parciais, como a sociologia cultural, a sociologia moral, a sociologia relacional e a sociologia moral através de uma perspectiva realista, procurando integrar conceitos, temas e autores numa teoria unificada de médio alcance. Também investigarei os Estudos Culturais, Estudos da Ciência, Estudos de Gênero e Estudos Pós-coloniais como abordagens anti-disciplinares que são inspiradas pela chamada “Teoria francesa” (Foucault, Deleuze, Derrida *et catervi*) e por leituras politizadas atuais do mundo social sem necessariamente alguma referência a sociologia, mas com as quais a sociologia pode aprender. Por outro lado, ao cooperar com disciplinas vizinhas (antropologia, filosofia, história), a sociologia talvez possa oferecer uma análise mais concreta de estruturas, processos e práticas que os Estudos pressupõem. Baseado em minha experiência no Brasil e na Índia, substituirei as retóricas vazias das Epistemologias do Hemisfério Sul, com uma reivindicação pela consequente “reprovincialização” (sic) da teoria social metropolitana.

 No quinto capítulo, lançarei um olhar mais sistemático sobre as cinquenta e tantas viradas, giros e retornos nas ciências humanas que ocorreram desde a proclamação da “virada linguística” por Richard Rorty em 1969. Distinguirei quatro “momentos” e os movimentos intelectuais que tentaram abrir e revolucionar a filosofia, a antropologia e as ciências humanas: as viradas linguísticas (1960-70), as viradas pós-modernas (1970-80), as viradas global e pós-colonial (1990-2000) e as viradas ontológicas (2000-presente). A investigação e sistematização de algumas dessas viradas não é somente uma contribuição para a sociologia das ideias: através de uma análise de como um movimento intelectual subverteu a reprodução das ideias, quero descobrir como é possível colocar a sociologia em crise. Afinal, se todo o mundo está em crise, não há razão para que a sociologia não esteja. Dito isto, perante os desafios da segunda pós-modernidade, precisaremos da sociologia para reconstruir ao mesmo tempo as ciências sociais e as sociedades. A tarefa é urgente e coletiva.

 **No sexto, introduzirei a ontologia do presente como suprasunção (*Aufhebung*) da sociologia da modernidade tardia. Argumentarei que as teorias da modernidade avançada (Beck, Giddens, Bauman, Touraine et al.) são datadas e que precisamos de uma nova forma interdisciplinar para pensar os acontecimentos atuais. Nós, de fato, mudamos de época. Estamos entrando numa nova era que, por razões retóricas, proponho chamar de "segunda pós-modernidade". Analisarei seus contornos a partir de uma perspectiva ampla que explora sistematicamente as inter-relações entre neoliberalismo, populismo e antropoceno num diagnóstico do presente (*Zeitdiagnose*). A análise situacional no Brasil servirá como fulcro e ponte para uma análise mais abrangente da ontologia do presente.**

**Concluirei o livro com algumas ideias sobre a necessidade de reconstruir ao mesmo tempo as ciências sociais e as sociedades. Nesse projeto de reconstrução, a sociologia tem um papel, mas em colaboração com as outras ciências sociais, os Estudos e a filosofia social e moral, e na medida que ela se transforme, de dentro e pelo dialogo, para assumir o projeto de uma nova sociologia clássica.**

**Referências**

**Alexander, J.C. (1982-1983): *Theoretical logic in Sociology* (4 vols). Berkeley: University of California Press.**

**Alexander, J.C. (1987): “**O novo movimento teórico”, *Revista brasileira de ciências socias*, 2, 4, pp. 5-28

**Aurobindo, S. (2006): *The Life Divine*. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram.**

**Bhaskar, R. (1978): *A Realist Theory of Science*. Hassocks: Harvester Press.**

**Bollnow, O. (1949): “Was heißt, einen Schriftsteller besser verstehen, al ser sich selber verstanden hat”, pp. 1-33 in *Das Verstehen. Drei Aufsätze zur Theorie der Geisteswissenschaften*. Mainz: Kircheim Verlag.**

**Caillé, A. (2019): *Extensions du domain de don. Demander-donner-recevoir-rendre*. Paris: Actes Sud.**

**Dépelteau, F. (2018): *The Palgrave Handbook of Relational Sociology*. Nova York: Palgrave Macmillan.**

**Caillé, A., Vandenberghe, F. e Véran, J. F. Org. (2016): *Manifesto convivialista. Declaração de interdependência. Edição brasileira comentada*. São Paulo: Annablume.**

**Caillé, A. e Vandenberghe, F. (2020): *Por uma nova sociologia clássica. Uma proposta, seguida de um debate*. Petrópolis: Vozes.**

**Giddens, A. (2018):** *Problemas centrais em teoria social: ação, estrutura e contradição na análise sociológica*. Petrópolis: Vozes,

**Jaspers, K. (1971): *Einführung in die Philosophie*. München: Piper Verlag.**

**Luhmann, N. (1997): *Die Gesellschaft der Gesellschaft* (2 vols.). Frankfurt am Main: Suhrkamp.**

**Parsons, T. (1937): *The Structure of Social Action*. Glencoe: Free Press.**

**Passeron, J.C. (2003): “Mort d’un ami, disparition d’un penseur”, pp. 17-90 in Encrevé, P. & Lagrave, M. (dir.): *Travailler avec Bourdieu*. Paris: Flammarion.**

**Pinheiro-Machado, R. (2011): *Made in China. (In)formalidade, pirataria e redes sociais na rota China-Paraguai-Brasil*. São Paulo: Hucitec.**

**Ricoeur, P. (1991): *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil.**

**Simmel, G. (2010): *Hauptprobleme der Philosophie*. Berlin: G.J. Göschen.**

**Vandenberghe, F. (1997-1998):** *Une histoire critique de la sociologie allemande. Aliénation et réification* (2 vols.).Paris : Découverte.

\_\_\_\_\_ (2010): *Teoria social realista. Um diálogo franco-britânico. B*elo Horizonte : UFMG.

\_\_\_ (2014): *What’s Critical about Critical Realism ? Essays in Reconstructive Social Theory*. London : Routledge.

\_\_\_ (2014b): “Globalização e individualização na modernidade tardia. Uma introdução teórica a sociologia da juventude”, *Mediações. Revista de ciências sociais*, 19, pp. 292-343.

\_\_\_\_ **(2018):** *Póshumanismo ou a lógica cultural do neocapitalismo global.* São Paulo: Annablume.

\_\_\_\_ (2015) & Véran, J.F. (2015): ***Além do habitus: Teoria social pós-bourdieusiana.* Rio de janeiro: 7 Letras.**

1. Retomo neste capitulo de abertura passagens de vários projetos de pesquisa que submeti às instancias de financiamento (CNPq, Capes, Faperj, Uerj). A origem dos fragmentos textuais explica as auto-referências no texto. Agradeço pelo apoio e lamento a destruição da ciência brasileira pelos últimos governos. [↑](#footnote-ref-1)